



Eixo Temático: Educação e Formação de Professores

**LINGUAGEM ESCRITA NA PERSPECTIVA VIGOTSKIANA
WRITTEN LANGUAGE IN THE VYGOTSKIAN PERSPECTIVE**

Graciele Beier Lopes¹
Dra. Isabel Koltermann Battisti²
Dra. Marli Dallagnol Frison³
Dra. Fabiana Diniz Kurtz da Silva⁴
Dra. Cátia Maria Nehring⁵

RESUMO

Este artigo busca compreender, a partir da perspectiva histórico-cultural de Vigotski (2007; 2024), o processo de constituição da escrita em crianças, evidenciando as etapas que estruturam sua formação como linguagem e discutindo as implicações pedagógicas desse processo, com ênfase no papel do professor como intermediador. Fundamenta-se em estudo teórico-bibliográfico de abordagem qualitativa, analisando ideias centrais que constituem a linguagem escrita como objeto de estudo e articulando-as de forma interpretativa e integrada. Os resultados indicam que a escrita pode ser compreendida como um sistema articulado de instrumentos e signos, desenvolvendo-se historicamente como uma operação sógnica mediada socialmente, articulada ao gesto, ao rabisco, ao desenho e ao brincar simbólico. Conclui-se que a aprendizagem da escrita não é espontânea nem puramente técnica, mas um processo cultural complexo, em que o professor desempenha papel central ao criar situações que favoreçam a compreensão e o uso significativo da linguagem escrita.

Palavras-chave: Aprendizagem da Escrita. Criança. Desenvolvimento cultural. Intermediação pedagógica.

¹ Mestranda do PPGE-UNIJUI. Professora da rede pública do RS. Participante do GEEM-Grupo de Estudos em Educação Matemática. Autora: graciele.lobes@sou.unijui.edu.br;

² Doutora em Educação nas Ciências pela Unijui/RS, com Pós-Doutorado pela UPN-Colômbia. Docente do PPGE-UNIJUI e do Curso de Licenciatura em Matemática. Co-coordenadora do GEEM - Grupo de Estudos em Educação Matemática. Coautora: isabel.battisti@unijui.edu.br

³ Doutora em Educação em Ciências pela UFRGS, com Pós-Doutorado pela UNESP - Campus Araraquara/SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijui/RS. Coautora: marlif@unijui.edu.br

⁴ Professora da Unijui. Docente do PPGE e do Curso de Licenciatura em Letras. Co-orientadora da pesquisa. Líder do Grupo de Pesquisa Mongaba: educação, linguagens e tecnologia. Coautora: fabiana.k@unijui.edu.br

⁵ Professora da Unijui. Docente do PPGE e do Curso de Licenciatura em Matemática. Orientadora da pesquisa. Líder do GEEM - Grupo de Estudos em Educação Matemática. Coautora: catia@unijui.edu.br



ABSTRACT

This article seeks to understand, from the historical-cultural perspective of Vygotsky (2007; 2024), the process of the constitution of writing in children, evidencing the stages that structure its formation as language and discussing the pedagogical implications of this process, with emphasis on the teacher's role as an intermediary. It is grounded in a qualitative theoretical-bibliographic study, analyzing central ideas that constitute written language as an object of study and articulating them in an interpretative and integrated manner. The results indicate that writing can be understood as an articulated system of instruments and signs, developing historically as a socially mediated sign operation, articulated to gesture, scribbling, drawing and symbolic play. It is concluded that the learning of writing is not spontaneous nor purely technical, but a complex cultural process in which the teacher plays a central role by creating situations that favor the understanding and the meaningful use of written language.

Keywords: Learning of Writing. Child. Cultural Development. Pedagogical Intermediation.

INTRODUÇÃO

A criança ao nascer é apresentada a um mundo histórico, social e cultural que a antecede. Aos poucos, vai se inserindo nesse espaço e se constituindo como humano por meio das interações. Nesse processo de desenvolvimento, a linguagem escrita ocupa, para Vigotski⁶ (2007), um papel fundamental. Nessa perspectiva, no meu processo de constituição como professora pesquisadora, no âmbito de um Programa de Pós-Graduação em Educação, as discussões sobre a linguagem escrita mostraram-se essenciais para a compreensão desses processos que se articulam com o aprendizado escolar conforme aponta Vigotski (2007). Nesse percurso, houve a necessidade de retomar e revisitar os achados construídos ao longo dos estudos e da prática docente, o que me levou à escrita como espaço de reflexão e aprofundamento conceitual.

Como linguagem, a escrita constitui uma habilidade que, diferentemente da linguagem oral, não se adquire de modo natural, desenvolvendo-se de forma sistematizada no ambiente escolar e exigindo acompanhamento, intervenções e intencionalidade docente que ultrapassam o domínio de habilidades técnicas e motoras.

⁶ Considerando as diferentes formas de escrita do nome do autor Lev Semenovitch Vigotski - Vygotsky, Vigotsky, Vigotski, entre outras, o artigo irá considerar em suas escritas a grafia original será de acordo com as obras examinadas-Vigotski.

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Falar de linguagem escrita é adentrar num mundo que se constitui de involuções e evoluções, ou seja, é um processo marcado por altos e baixos, avanços e retrocessos e por transformações. Para chegar até o domínio da escrita propriamente dita, a criança não encontra um caminho em linha reta, nem alcança esse domínio da mesma forma como iniciou o percurso. Nessa caminhada, a criança ressignifica o mundo e é apresentada a um complexo sistema de símbolos e signos. De acordo com Vigotski (2007), contar essa história, apesar de vários estudos, ainda demanda cautela e não se faz possível na coerência e completude com um enredo marcado por enormes mudanças.

O caminho de transformações no qual situa-se a pré-história da linguagem escrita, tem suas raízes no gesto, perpassando pelo rabisco, desenho e o brincar simbólico (jogos), os quais possuem papel fundamental ao levar a criança a descobrir que, além de representar “coisas”, também pode representar a fala. Dessa descoberta surge o que conhecemos como escrita literal.

Ao considerar a linguagem escrita como um processo de desenvolvimento cultural da criança, questiona-se: o que leva a criança a escrever?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta produção trata-se de um estudo teórico-bibliográfico, fundamentado na perspectiva vigotskiana, que busca compreender o processo de constituição da escrita em crianças evidenciando as etapas que estruturam sua formação como linguagem, bem como discutir as implicações pedagógicas desse processo, enfatizando o papel do professor na mediação que possibilita a evolução dos processos que levam a linguagem escrita.

Neste contexto de compreensão e ressignificação de conceitos, em diálogo com a questão norteadora apresentada “O que leva a criança a escrever?”, o artigo propõe discutir a linguagem escrita na perspectiva vigotskiana, por meio de um estudo teórico-bibliográfico, de abordagem qualitativa, fundamentado na obra de Vigotski “A formação social da mente” (2007) e no compilado das obras traduzidas do autor em “O essencial de Vigotski” (Rieber; Robinson, 2024). A partir das leituras realizadas, procedeu-se a um recorte teórico das “ideias” consideradas centrais para a compreensão da linguagem escrita, elencando aquelas que, de forma articulada, constituem esse objeto de estudo. Essas foram analisadas em sua

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

inter-relação, buscando evidenciar como se complementam e se integram na compreensão da linguagem escrita como um processo de desenvolvimento cultural da criança. A análise dos conceitos estruturantes que contemplam a linguagem escrita na concepção vigotskiana desenvolveu-se por meio de uma leitura interpretativa e articulada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para Vigotski (2007), a escrita não se reduz a uma técnica, mas integra um processo mais amplo de constituição da linguagem escrita, quando deve cumprir seu papel de função comunicativa, e expressar ideias de um sujeito que é histórico, social e cultural. A escola enquanto instituição social, ocupa lugar privilegiado ao proporcionar à criança situações que a auxiliarão na compreensão e sistematização desse processo, através da intermediação pedagógica intencional, sem desconsiderar, que dominar a linguagem escrita, perpassa também pelas práticas sociais que circundam a criança, para além do contexto escolar.

Segundo Vigotski (2007, p. 126), “[...] a linguagem escrita é constituída por um sistema de signos que designam os sons e as palavras da linguagem falada, os quais, por sua vez, são signos das relações e entidades reais”. Para o referido autor, os signos configuram-se como instrumentos psíquicos que representam a realidade em nossa mente, possibilitando ao ser humano comunicar melhor o que compreende. Para isso, usa elementos simbólicos denominados, na concepção vigotskiana, signos.

Os signos são construções artificiais elaboradas pelo ser humano, utilizadas como instrumentos psíquicos para regular e controlar o próprio comportamento ou o comportamento de outras pessoas. Nesse sentido, é considerado um instrumento que medeia as relações humanas no meio social. Ao utilizar tais instrumentos para intervir na realidade material, o ser humano modifica a natureza e, simultaneamente, transforma a si mesmo.

Para Vigotski (2024), as diversas manifestações da linguagem, sejam verbais ou não verbais, como palavras, desenhos e outros recursos simbólicos, são compreendidas como formas de signos. As ações cognitivas que envolvem o uso desses recursos para pensar, comunicar, lembrar, planejar e orientar comportamentos, o referido autor chama de operações sígnicas.

Em Vigotski (*Ibidem*, p. 878), o autor aponta que:

IV SIEPECSEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS**XXIV ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECIENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO**O PAPEL DA EDUCAÇÃO
NO ENFRENTAMENTO
DA CRISE CLIMÁTICA**

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI

Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI

[...] as operações sígnicas, não surgem de outra forma senão como resultado de um processo muito complexo e prolongado, que revela as principais regularidades da evolução psíquica. Isso significa que as crianças não simplesmente inventam as operações sígnicas ou as copiam dos adultos, mas elas surgem de algo que, inicialmente, não é uma operação sígnica, e que se torna tal apenas depois de uma série de transformações qualitativas, sendo que cada uma condiciona o estágio seguinte e é ela própria condicionada pelo antecessor, ligando-os como estágios de um único processo que é histórico em sua natureza.

Diante disso, à luz dessa concepção, entende-se que a escrita configura-se como uma operação sígnica, uma vez que se constitui historicamente por meio de mediações sociais e de sucessivas transformações qualitativas no desenvolvimento psíquico. Para Vigotski (2007), a história da linguagem escrita inicialmente perpassa pelo aparecimento do gesto, como um signo visual para a criança, pois antes de dominar a escrita, ela já se comunica por meio de gestos. Portanto, o gesto precede a escrita, e os signos escritos são, muitas vezes, gestos que foram fixados. A partir de seus experimentos, Vigotski destaca que o rabisco está ligado aos gestos e que, quando a criança começa a desenhar, ela está transformando gestos em marcas no papel. O desenho é uma ponte entre o gesto e a escrita, nascendo do movimento da mão, representando, comunicando algo, mas ainda não usa letras.

Há outra esfera que une os gestos à linguagem escrita: é a dos jogos das crianças. No jogo simbólico (faz de conta) a criança transforma gestos em significados. Quando, por exemplo, faz o gesto de dirigir, está representando um carro. No jogo a criança usa gestos para substituir objetos e ideias, ela aprende a representar, substituir, e a interpretar, dando sentido a objetos que não estão ali. A escrita exige exatamente essas mesmas capacidades (entender que as letras representam sons, que as palavras representam ideias, que os símbolos são convenções sociais). O jogo prepara o solo para que a escrita se desenvolva, ao mesmo tempo em que favorece o surgimento do pensamento abstrato.

Conforme Vigotski (2007, p. 134) “[...] a representação simbólica no brinquedo é, essencialmente, uma forma particular de linguagem em um estágio precoce, atividade essa que leva, diretamente, à linguagem escrita”. Para o autor, apenas por volta dos 7 anos de idade, a criança começa a ter consciência do significado simbólico do desenho. Na perspectiva vigotskiana, o desenho não pode ser visto apenas como uma cópia da realidade, mas expressão de como essa criança interpreta, percebe e significa o mundo à sua volta. A fala organiza o

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

pensamento e tem influência direta no desenho, o qual é mediado pela fala, memória narrativa e significados verbais. Ao desenhar algo da memória, é como se a criança “contasse uma história”. Nesse sentido, o desenho tem sempre um grau de abstração típico de qualquer forma de linguagem. A criança usa o desenho como um meio de comunicação não apenas como traço motor.

Os desenhos infantis carregam conceitos verbais simplificados. Por isso, eles são considerados um passo inicial para a escrita, porque já representam significados, já selecionam partes essenciais do objeto (abstração), já funcionam como signos gráficos. A criança passa dos rabiscos para grafias que repensam algo até descobrir, por exemplo, que um traço pode nomear um objeto.

Vigotski (2007) corrobora a concepção de autores como Hetzer (1926), o qual afirma que a fala é a primeira representação simbólica da criança, ou seja, ela inaugura a capacidade de usar símbolos, isto é, signos que representam coisas, ideias, ações e objetos. O autor relata também, na mesma obra, que, através de experimentos, observou que a criança é capaz de transformar seu desenho em linguagem escrita real ao “[...] mudar de uma escrita puramente pictográfica para uma escrita ideográfica [...]” (Vigotski, 2007, p. 137).

Esses achados mostram que na escrita, a criança transfere suas ideias e experiências para símbolos gráficos abstratos. A escrita, portanto, deve ser compreendida não apenas como a técnica de formar letras, mas como uma capacidade simbólica que permite representar o pensamento e a realidade. Vigotski (2007) destaca experimentos realizados por Luria com crianças que ainda não sabiam escrever, nas quais elas eram incentivadas para que “grafassem ou representassem, de alguma maneira, as palavras apresentadas” (p. 138).

Antes de aprender, por exemplo, a escrever “cachorro”, a criança aprende a representar essa palavra com um símbolo, e isso é o início do pensamento escrito. A escrita não surge do nada, pois antes de escrever letras, a criança passa por um estágio de notação gráfica, ou seja, cria marcas e símbolos próprios para lembrar palavras ou ideias. Vigotski (2007) defende que o estágio mnemotécnico era precursor da primeira escrita e é a fase em que a criança desenha aquilo que conhece da memória, sem precisar olhar para o objeto. É um passo importante para que o desenho evolua de simples rabisco para representação simbólica consciente, ligada à fala e ao pensamento.

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

A noção de quantidade, segundo a perspectiva vigotskiana, pode estar ligada à origem da escrita, pois quando se pede para uma criança desenhar uma frase, ela passa a perceber que o desenho tenta representar coisas, não sons. Portanto, a necessidade de registrar quantidades pode ter sido uma das origens da escrita. Com as cores e formas, acontece algo muito semelhante. A criança percebe que elementos visuais auxiliam a compreender que símbolos representam o mundo. Fato evidenciado em experimentos realizados por Vigotski (2007, p. 140), explicitado quando descreve:

[...] frases como “parece preto”, “fumaça preta de uma chaminé”, “no inverno há muita neve branca”, “um camundongo com um rabo muito comprido” ou “Lyalya tem dois olhos e um nariz”, fazem com que a criança mude rapidamente de uma escrita que funciona como gestos indicativos para uma escrita que contém os rudimentos da representação.

Inicialmente, a criança acredita que só pode desenhar coisas, mas um dia ela descobre que pode desenhar palavras, ou seja, a fala, aí surge a escrita. Essa transição deve ser intencionalmente promovida, sendo a escola a instituição responsável por auxiliar a criança a passar da fase de desenhar objetos a desenhar palavras. Nessa instituição, o professor exerce o papel de intermediador ao criar condições pedagógicas, como situações de registro, uso de diferentes linguagens, problematizações e interações sociais, que favorecem a compreensão da escrita como representação da linguagem oral, intervindo de modo intencional para conduzir a criança da função representativa do desenho de objetos para a função simbólica do registro escrito. As práticas “comuns” de ensino geralmente escondem esse processo. A escrita certamente deriva do desenho, mas muda de função ao longo do desenvolvimento.

O faz de conta, o desenho e a escrita fazem parte de uma única linha de desenvolvimento simbólico, na qual a escrita surge como uma forma superior e autônoma de linguagem, inicialmente apoiada na fala, mas depois independente dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, de caráter teórico-bibliográfico, buscou-se compreender o que leva a criança a escrever, à luz da perspectiva histórico-cultural de Vigotski. Ao longo das análises, foi possível evidenciar que a linguagem escrita não se desenvolve espontaneamente, e nem tão pouco se constitui como uma habilidade técnica adquirida de forma imediata, mas

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO
NO ENFRENTAMENTO
DA CRISE CLIMÁTICA**

 **15 A 17 DE JUNHO DE 2026**

 **SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI**




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

como um processo de desenvolvimento cultural e simbólico, profundamente marcado pelas interações sociais e pelas mediações pedagógicas. No entanto, para Vigotski (2007, p. 143), a escrita é, em maior parte das escolas, ensinada pelo viés de “[...] habilidade motora, e não como atividade cultural complexa”.

A linguagem escrita deve ter significado para a criança e precisa fazer desabrochar nela uma necessidade real que nasce de seu interior. A criança precisa tê-la como tarefa necessária e indispensável para a vida, uma forma nova e complexa de linguagem. Vigotski (2024, p. 181) afirma que “[...] a linguagem escrita está ligada desde o princípio com a consciência e a intencionalidade”. É por intermédio da linguagem escrita que a criança interage com o mundo e desenvolve o pensamento abstrato.

A partir das leituras e reflexões, análise dos conceitos estruturantes que cercam a linguagem escrita na concepção vigotskiana, a escrita pode ser compreendida como um sistema articulado de instrumentos e signos. Como instrumento ao se materializar no meio social, cumpre a função de comunicar e expressar, entre outras. Já como signos artificiais elaborados pelo ser humano, exerce a função de regular e controlar o próprio comportamento ou o comportamento de outras pessoas, (re)organiza ideias. A linguagem escrita anda lado a lado com o desenvolvimento cultural da criança, na qual desempenha diversas funções que variam conforme o contexto social, o momento histórico e as intenções comunicativas de quem comunica, bem como de acordo com o interlocutor a quem se dirige.

De acordo com as obras examinadas neste artigo, Vigotski (2007; 2024), a linguagem escrita, pode configurar-se como uma operação sógnica, quando vista como resultado de um processo histórico e prolongado, que envolve transformações qualitativas no desenvolvimento psíquico da criança. Constitui-se, como já mencionado, de involuções e evoluções, processo marcado por altos e baixos. Assim, esse percurso não se dá de maneira linear, mas se constrói tendo o gesto como precedente, passa pelo rabisco, pelo desenho e pelo brincar simbólico, até alcançar a escrita como forma superior e autônoma de linguagem. O gesto, o desenho e o jogo não são etapas isoladas, mas formas iniciais de representação que organizam o pensamento e possibilitam à criança compreender que é possível representar não apenas objetos, mas também a fala, as ideias e as relações.

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Mas novamente, o que leva a criança a escrever? Trata-se da constituição de necessidades simbólicas e comunicativas mediadas socialmente. É preciso reconhecer a escrita como uma atividade cultural complexa, que envolve abstração, significação e comunicação. A criança não aprende a escrever apenas ao dominar letras e traços, mas quando desenvolve a capacidade simbólica que lhe permite atribuir sentido aos signos gráficos e utilizá-los para expressar o pensamento.

As implicações pedagógicas dessa compreensão são significativas. Cabe à escola e, especialmente, ao professor, assumir o papel de intermediador desse processo, criando situações intencionais que favoreçam a passagem do desenho e do brincar simbólico para a escrita, sem antecipações mecanizadas ou reduções técnicas. Ensinar a escrita, nessa perspectiva, significa ensinar a linguagem escrita, respeitando o percurso de desenvolvimento da criança e garantindo que a escrita tenha sentido e relevância em sua vida.

Assim, a história da escrita deve ser contada a partir do olhar daqueles que a veem como linguagem escrita, linguagem essa que precisa ser uma necessidade para a criança, articulada às suas experiências, à imaginação, ao jogo e à interação social. Ao acompanhar, conhecer as etapas desse processo tão complexo, se favorece um maior potencial de desenvolvimento. Nesse sentido, o professor, ao atuar de forma intencional e pedagógica, amplia as possibilidades para que a escrita se constitua como uma forma viva de linguagem, capaz de potencializar o pensamento, a comunicação e a participação da criança no mundo cultural.

REFERÊNCIAS

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Tradução José Cipolla Neto, Luíz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. Análise das operações sígnicas da criança. In: RIEBER, Robert W.; ROBINSON, David K. (orgs.). **O essencial de Vigotski**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024. Tradução de Priscila Nascimento Marques e Caesar Souza. p. 871-890.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. Pensamento e palavra. In: RIEBER, Robert W.; ROBINSON, David K. (orgs.). **O essencial de Vigotski**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024. Tradução de Priscila Nascimento Marques e Caesar Souza. p. 129-206.